

Depois da conversa que tivemos, pensei mais uma vez maduramente o teu caso e sobre tudo quanto disseste e logo me veio à ideia escrever-te uma carta em que exprimisse com nitidez o meu pensamento acerca da tua posição e te fizesse ver melhor do que o fizeram as minhas palavras o erro em que estás.

Depois de ter apreciado tudo em conjunto com outros amigos, senti que era mais imperioso escrever-te.

Escrevo-te pois uma carta com estes dois objectivos:

Tornar o mais claro possível o que representa a tua atitude considerada objectivamente.

Dar-te elementos para uma autocritica e rectificação de atitude que espero possas vir a fazer.

Considero o teu caso especialmente:

Pelas boas provas de esforço e trabalho por ti dadas anteriormente.

Pelas consequencias que podem advir da tua atitude num certo sector onde naturalmente mercê do passado tens bastante prestígio.

Finalmente: pela amizade em especial que temos tido e ser para mim por isso mais doloroso o teu afastamento do que reputo uma posição justa.

No entanto esta amizade que torna mais sentida a tua errada atitude, em nada influirá na análise a fazer do teu caso, não te exigindo nem mais nem menos do que a outro qualquer camarada.

A tua atitude considerada em esquema cifra-se nisto:

Como resultado da doença que tiveste, sentes-te com menos força e menos energia.

Em consequencia da situação económica geral e de maiores dificuldades que se te deparam tens o teu tempo cada vez mais preenchido com uma actividade profissional alheia a uma actividade cultural que te é cara, sobejando-te pouco tempo para fazer seja o que for.

Não podendo fazer um grande esforço em virtude da tua saúde se poder ressentir gravemente quer do ponto de vista físico, quer psíquico, o tempo que te sobra, não o podes aproveitar todo, visto o perigo de adoeceeres. Fica-te assim menos tempo; este pouco tempo achas que o deves aplicar integralmente na tua actividade cultural por duas razões:

- Dares uma alta importância à tua actividade cultural.

- Pensarás que o teu rendimento de trabalho nessa tua actividade nesse pouco tempo será bastante productivo, muito mais do que em qualquer outra actividade.

Estas são as tuas razões particulares para a atitude tomada.

Mas pensa bem: são estas razões particulares tuas ou trata-se das condições gerais do fascismo applicadas ao caso dos intellectuais no nosso país?

A tua necessidade de te occupares numa actividade que não é a actividade cultural para que sentes tendência é comum à maior parte dos intellectuais portugueses, que, quando sérios e progressivos, são afastados sempre do trabalho que deviam realizar. O tempo que te sobra é o tempo que lhes sobra também. E se há casos de intellectuais robustos a verdade é que, nas condições actuais, a falta de saúde é um fenómeno generalizado, e que por isso a maior parte deles também tem de ter em atenção a menor resistência do seu organismo.

Por outro lado, todos eles tem razão ao atribuirem à actividade que desejaram seguir uma importancia especial. Todos eles poderiam pensar que o seu rendimento de trabalho seria maior nessa actividade do que em qualquer outra.

Quer dizer: a teres razão na tua atitude, todos teriam razão se igualmente a tomassem e seria por isso razoavel a deserção de todos os intellectuais e os demais homens que lutam pela democracia e pela paz.

Isto torna-se tanto mais evidente quanto é certo que tu, além das razões particulares indicadas, invocaste razões gerais que afirmaste válidas, mesmo para o caso de não existirem razões particulares.

Tu disseste que se era certo ter a situação política uma acção fundamental no nível cultural e ideológico, o contrário também era verdadeiro e que por isso achavas que os escritores se deviam dedicar exclusivamente à actividade cultural. O enfraquecimento da actividade cultural levava ao isolamento junto dos intelectuais e a que se perdessem muitos jovens intelectuais que se trespalhavam por outros campos ideológicos.

O exercício das actividades culturais tornavam necessária uma absoluta liberdade de movimentos, necessário não haver prisão a cuidados conspirativos e haver independência dos moldes orgânicos do partido. Por isso parecia-te a situação adequada aos intelectuais a de simpatizantes e não a de militantes. Em teu entender, devia haver uma ligação com a organização para controle do trabalho realizado, mas os intelectuais deviam actuar como simpatizantes.

Quanto ao facto de ter o nível cultural e ideológico influencia na própria situação política ninguém contesta, como ninguém contesta que os escritores se deviam dedicar à actividade cultural.

Pelos contrário, o partido sempre tem indicado tarefas culturais aos escritores, como publicação de jornais, palestras, actividades em associações recreativas, etc.

Se algumas destas tarefas não tem sido levadas à prática, isto não tem sido por falta de ajuda da organização, mas ou por dificuldades objectivas, ou subjectivas dos próprios escritores.

A falta de palestras e trabalho em associações recreativas deve-se em grande parte à falta de esforço dos escritores nesse sentido, não sabendo aproximar-se das massas e vivendo fechados em grupinhos de café.

O desenvolvimento do nível cultural para o partido é predominantemente o desenvolvimento do nível cultural das massas e nesta altura em extensão poucos passos tem sido dados pelos escritores portugueses. Mas também não é negado o valor do desenvolvimento do nível cultural dos escritores e das camadas intelectuais.

Simplesmente o esforço dos escritores e intelectuais neste sentido não pode fazer-se a custa da diminuição do seu trabalho político e nível político. A falta de trabalho político entre os intelectuais reduz o movimento político aos que não são intelectuais e reduz por conseguinte o próprio movimento político. Se a organização política não se estende aos intelectuais, a organização reduz-se e reduz-se a sua possibilidade de luta contra o fascismo, pela democracia e pela paz.

A falta de trabalho político e de trabalho colectivo organizado abaixa o nível político, o nível de cultura política e, conseqüentemente o nível ideológico e o nível de cultura. Quer dizer: de balde procurará um intelectual não organizado politicamente e não realizando um trabalho político, elevar o nível ideológico de que fala, pois o seu próprio procedimento acusa um nível ideológico baixo ou que enfraqueceu. A elevação do nível de cultura também não é a elevação de uma verdadeira cultura marxista-leninista, porque uma verdadeira cultura marxista-leninista supõe a íntima ligação entre a teoria e a prática. No domínio da cultura o intelectual que se afasta do trabalho político e de organização, vai-se também afastando sem que ele próprio dê por isso de uma cultura marxista, isto é daquela que se enriquece cada dia com a experiência do movimento político e de organização e das lutas dos homens a que se está misturado. O enriquecimento da cultura passa a ser o enriquecimento de uma simples cultura formal e o empobrecimento de uma cultura ideológica e de conteúdo.

A organização tem o maior interesse pelos seus simpatizantes. É na medida em que se desenvolve o número e a qualidade dos seus simpatizantes que a organização se desenvolverá. Ali onde os militantes não estão ligados a simpatizantes, não fazem simpatizantes, há mesmo um trabalho político deficiente. Para a organização os simpatizantes são os democratas que dela estão mais próximos.

Não despreza por isso, antes estimula todo o trabalho que eles possam fazer.

Mas distingue entre o nível político de um simpatizante e o de um membro do partido. O enriquecimento do nível político do simpatizante é a condição para ele transitar a militante. Porque o enriquecimento do nível político supõe a compreensão mais nítida da importância da organização e da luta organizada para a conquista da democracia e do socialismo, a confiança no partido e na sua direcção e ~~XXXX~~ a adesão a uma disciplina de ferro, a uma constante crítica e auto-crítica, condições fundamentais para o desenvolvimento do partido. Porque assim é que os simpatizantes que passam a militantes e mostram falta de compreensão da importância de qualquer destas coisas, na teoria ou na prática e não conseguem rectificar as suas ideias ou actuação, regressam à situação de simpatizantes.

Querer passar à situação de simpatizante, entender que os intelectuais devem passar à situação de simpatizantes, pelas suas condições particulares, vem a ser entender que os mesmos não podem ser militantes por lhes faltarem as qualidades de militantes ou que a direcção do partido e o próprio partido não capazes de organizar os intelectuais como militantes de forma a estes darem o maior rendimento e que por tal motivo estes não podem ser dirigidos pelo partido e pela direcção do partido, mas apenas acompanhados.

Há assim ou uma desconfiança absoluta em si próprio e nos outros intelectuais ou uma desconfiança na direcção do partido e no próprio partido.

Na verdade entender que os intelectuais como simpatizantes podem dar mais rendimento é entender que cada um isoladamente é capaz de saber o que lhe convém mais fazer do que a direcção do partido e o próprio partido, que cada um considerado autonomamente tem um nível ideológico suficiente para prescindir da direcção do partido, com o qual contacta, mas o qual não lhe define as tarefas nem o obriga ao seu cumprimento, sendo, pelo contrário o intelectual quem isso decide. A posição de simpatizante não obrigando ao trabalho colectivo, à aceitação da linha política do partido e da sua disciplina de ferro, conduz inevitavelmente à ideia da autonomia absoluta do intelectual da organização cujos conselhos pode seguir como deixar de seguir.

Assim ou tu concluis pela absoluta incapacidade dos intelectuais ou concluis pela sua maior capacidade e nível político em relação à própria direcção do partido, que não é capaz de saber quais as tarefas que eles devem realizar e os atrofia na sua expressão com a subordinação em que os tem à sua linha política e orientação de trabalho.

Na primeira hipótese, não tens razão não só porque existiram e tem existido muitos intelectuais na nossa organização que tem sido e são excelentes militantes, como porque, ainda que as condições entre todos fossem desfavoráveis, o papel do partido era remar contra a maré e partir da inexistência de militantes para a sua existência e não da ~~XXXX~~ existência para a inexistência.

Na segunda, revelas falta de confiança na direcção do partido, na sua linha política, na organização no seu conjunto e na própria luta do povo português.

Revelas falta de confiança na organização e na sua linha política porque ~~XXXX~~ pensas que ela erra quando define o campo de actividade poli-

ca, as formas de actividade politica dos intelectuais e as formas de ligação dos intelectuais à organização. Tu subestimas a compreensão da direcção do partido acerca do trabalho dos intelectuais e pensas que, na falta dessa compreensão, os intelectuais se lhe devem substituir, tornando-se livres de um controle estreito para ficarem sob um mero controle teórico.

Tu pensas que a direcção do partido não só erra é como é insusceptível de rectificar qualquer erro que porventura cometa, pois antes de esgotados todos os meios à tua disposição para que a mesma adoptasse o que tu julgarás uma linha justa, tu pedes a tua liberdade.

Quer dizer, não é na organização, no debate de ideias dentro da organização, no exercício da crítica e da auto-crítica, portanto no fortalecimento da organização que tu vês a possibilidade de desenvolvimento de um trabalho intelectual sério, mas fora dela, senão à margem, pelo menos com uma ligação ténue.

Mas se a direcção do partido para ti possui essa incapacidade, isso é o mesmo que desacreditá-la como direcção, pois não se justificaria uma limitação de tal ordem na direcção de um partido que tem como missão conduzir a luta do povo português para a sua libertação e instauração da democracia. Substituir na direcção do trabalho intelectual os dirigentes da classe operária pelos intelectuais significa duvidar da capacidade intelectual dos dirigentes operários e duvidar do proletariado. Quem acredita no proletariado acredita na capacidade intelectual dos dirigentes operários saídos do seu seio; quem acredita na capacidade intelectual dos dirigentes operários e acredita na organização sabe que o caminho dos intelectuais progressivos está na organização, que é na adesão sincera, íntima à organização, que é aceitando a sua disciplina, o seu método, a sua orientação que se forma realmente um intelectual de tipo novo, um intelectual totalmente identificado com o povo, um intelectual bolchevik.

A direcção do partido, o partido e a luta do povo português estão identificados. Quem acredita na luta do povo, acredita no proletariado; quem acredita no proletariado acredita no seu partido e a confiança no partido é a confiança na direcção do partido.

A tua atitude depende por isso em última instancia da tua falta de confiança nas massas, de um grande pessimismo quanto à luta do nosso povo, de descrença quanto à justeza da linha politica pela democracia e em defeza da paz que tem sido tomada.

O teu quebranto não é apenas o resultante da doença porque passaste, mas também da descrença que tens na importancia da luta do nosso povo e da eficiencia da direcção do seu partido. Mais: o desânimo da doença, as reacções da doença atingiram-te mais duramente por não estares fortalecido por uma confiança inabalavel.

A tua atitude resulta sobretudo do teu pessimismo acerca das condições nacionais, acerca das perspectivas de trabalho politico, e acerca da orientação politica que tem sido seguida.

Tu disseste que achavas que a luta pela democracia e a luta pela paz deviam ser prosseguidas pelos escritores mas exclusivamente por meios a eles particulares e sem a criação de organismos similares aos organismos do MND ou de Defeza da Paz.

Pensa o partido que não há meios particulares aos intelectuais e designadamente aos escritores de lutar pela democracia e pela paz? Não, não pensa. O partido pensa que os intelectuais e designadamente os escritores podem lutar pela democracia e a paz com meios que lhes são próprios. Disseste bem: quem luta pela cultura luta pela democracia e a paz, porque o fascismo e a guerra se apoiam no obscurantismo. Por isso os intelectuais que fazem um sério trabalho cultural trabalham nesse campo pela democracia e pela paz.

Disseste que no estabelecimento de relações culturais com o estran-

geiro se fazia a defesa da paz e disseste bem. Assim todos os esforços feitos pelos intelectuais neste sentido são apoiados pelo partido.

O partido apoia toda a literatura legal ou clandestina com um conteúdo de crítica social séria, de perspectivas críticas justas, de espírito de liberdade, de luta em defesa da democracia e da paz. O camarada Stalin definiu bem os escritores como engenheiros de almas, e o partido retém sempre os ensinamentos do camarada Stalin.

Tudo isto é importante. Mas tudo isto ainda não basta. Vê bem: certos intelectuais como por exemplo os do grupo SN fazem um certo trabalho cultural, outros intelectuais estabelecem relações culturais com intelectuais estrangeiros, outros ainda escrevem páginas de sentido democrático e de amor pela liberdade. E no entanto, o que resulta deste trabalho? Esses homens ou se encontram defendendo o Pacto do Atlântico e por isso com os fautores da guerra, ou são os fingidos neutrais que lhes abrem caminho ou revelam-se como cobardes intelectuais na defesa sólida da democracia e da paz.

Tudo quanto possam fazer de positivo é completamente invalidado pelo mal que fazem combatendo a unidade democrática, combatendo a organização de defesa da paz, o terrorismo em face da repressão, criando a inibição da acção entre muitos democratas e até camaradas intelectuais sobre quem tem influencia. Para que a acção de tais intelectuais fosse uma acção realmente progressiva seria necessário que ela fosse acompanhada pela consequente acção politica, pela consequente acção em defesa da paz.

Mesmo que o partido supuzesse que as tarefas culturais eram as únicas tarefas que se punham aos escritores, mesmo em tal caso, ele pensa que seria necessário que estes estivessem organizados politicamente para poderem realizar as suas tarefas com espírito colectivo, com uma justa orientação e a disciplina necessária. É da falta de uma boa organização partidária que o partido pensa resultar o fraco trabalho cultural e não ao contrário. É da falta das qualidades politicas e de organização que resultam as fracas qualidades de trabalho colectivo cultural. Não é da falta de apuramento técnico, de mestria literária que não surgiram ainda as obras literárias embora clandestinas que o povo português e o seu partido pela sua heroica luta tem direito a exigir e que com a sua carga emotiva poderiam ter uma fecunda acção na própria luta. Aí está a história do Terrafal, o julgamento e a prisão de Duarte, a morte de Militão, Marquês ou Alex e tantas outras páginas do nosso partido e do nosso povo que esperam talvez a legalidade para que só então algum escritor instalado comodamente as escreva. Porque não aproveitam os escritores este motivos que são o que de mais vivo, mais heroico e profundo deu o nosso povo, para fazer ressaltar às largas massas da população de uma forma emotiva o que vale o nosso partido e a nobreza da luta do povo português? Se os escritores não aproveitam estes assuntos isso não é devido a falta de forma literária, mas de consciencia politica, esta falta de consciencia politica proveniente precisamente da falta de ligação ou de ténue ligação com o partido.

Porém, ainda além das tarefas culturais, há as tarefas politicas, há as tarefas em defesa da paz, comuns a todos os homens e portanto também aos escritores.

Assim, como encaras tu na prática sem organização politica entre os escritores a acção dos escritores em prol do MND?

Como fazer a unidade dos escritores democratas sem ser na base dos princípios do MND e sem que os escritores sejam postos ao corrente destes princípios?

Sem uma acção politica como hão-de ser esclarecidos politicamente?

E sem esclarecimento politico como pode haver unidade de linha politica?

O mesmo se pode dizer quanto ao movimento de defesa da paz.

A situação presente, camarada, exige uma ligação íntima entre a acção cultural, a acção política e a organização. Ninguém pode isolar-se no refúgio da cultura porque a acção da cultura isolada é improfícua. O professor Joliot-Curie não hesitou em abandonar os trabalhos de energia nuclear de perspectivas sociais tão importantes quando canalizados para obras pacíficas, para se agarrar ao trabalho de organização de defesa da paz. E ninguém mais indicado do que Curie para esse trabalho de que foi pioneiro. O escritor Jorge Amado não hesitou em diminuir o seu trabalho literário para se dedicar a um sério trabalho político aceitando o mandato como deputado do povo brasileiro e o mesmo fizeram o poeta Rossine Guarnieri e o pintor Portinari. O escritor Luís Aragon não escreve só romances e poemas; é também o director do segundo jornal do partido comunista francês e precisa para isso gastar muitas horas em trabalho político organizado. O escritor Máximo Gorki foi membro do Comité Central do Partido Comunista Bolchevique da URSS, não temendo apesar do seu extraordinário talento literário, misturar com as tarefas literárias as tarefas políticas e de organização. Eloquentes é o caso do pintor Siqueiros e de tantos outros artistas, escritores e cientistas.

Se o Professor Rui Luís Gomes, se o professor Bento Caraça, se a engenheira Virgínia Moura, se a escritora Maria Lamas, se a professora Maria Isabel Aboim Inglês, se o professor Morgado, se o professor Valadares pensassem assim, que como intelectuais só se deviam dedicar à pura acção cultural e movimento democrático e em defesa da paz no nosso país estava bem mais recuado do que se encontra e eles teriam a acção para a libertação do nosso povo que tem e tiveram tantos intelectuais que, com pretexto em se dedicarem à cultura, a traem, porque abandonam o país ou não tomam quaisquer posições que não sejam negativas.

A cultura precisa de ser defendida politicamente por movimentos políticos, por movimentos organizados. Os escritores tem de lutar contra a censura. Os escritores, os artistas, os intelectuais tem de lutar pela livre expressão do seu pensamento, porque lhes deem meios para eles se exprimirem; só em novas condições políticas, só em condições de liberdade democrática eles podem considerar-se seguros da liberdade da cultura e do pensamento. Por isso tem de lutar politicamente; A cultura não pode vicejar nas condições de preparação para a guerra; uma vez a guerra desencadeada todas as pequenas conquistas culturais retrocediam afogadas pelos novos bárbaros da destruição atómica. Face aos perigos que a guerra pode trazer à cultura, atrozando-a de longos anos, só há um caminho e esse é barrar-lhe a estrada, não a deixar avançar, lutando porfiadamente; juntamente com os demais homens, os intelectuais, os escritores tem a missão de tomar a causa da paz nas suas mãos e defendê-la até ao fim. Ora esta defesa implica o máximo de organização, um contínuo trabalho colectivo, uma irmanação de todos os homens em tarefas comuns.

Não, camarada, na luta do nosso partido, na luta do nosso povo, na luta dos povos em defesa da paz, os escritores, os intelectuais, não se podem isolar dos demais homens não apenas no sentimento, na vontade, nas ideias, mas também, no trabalho político, no trabalho colectivo organizado, nas formas políticas de trabalho organizado.

Os intelectuais tem algumas formas especiais de actuação que devem utilizar, mas não se devem considerar especialistas dessas formas não tendo de fazer mais nada, porque procedendo assim correm o risco de perder uma justa visão do conjunto e se apartam de uma posição justa. Se é verdade por um lado que é com paixão que um intelectual se deve dar ao ramo da cultura que abraçou, se um escritor deve ter por isso a paixão literária e por ela deve sacrificar comodidades e uma existência suave, essa paixão não ha-de ser tão exclusiva que a ela dê todos os instantes livres, quando tarefas comuns aos demais homens, necessárias

para a desalienação de todos, o reclamem. É necessário analisar uma situação dialeticamente, isto é, tendo em conta todos os factores que a acompanham. Para apreciar uma atitude temos de ajuizar das condições de tempo e de lugar. Ora na actual situação portuguesa em que cada dia se agudiza mais a luta, em que cada dia acrecem os perigos do país se tornar uma completa colónia americana e a

esta de ponte para a agressão americana na Europa, maior obrigação há de uma luta organizada sistemática de todos os homens irmanados. O partido chama a que se organizem não só os seus militantes e simpatizantes, como todos os democratas e ainda todos os homens sinceros que não desejam que a sua pátria sofra os terríveis malefícios da guerra. O partido entende ser a chave de toda a organização democrática, de toda a luta democrática, de toda a organização em defesa da paz, o fortalecimento e o desenvolvimento da sua organização que active e impulse todos os restantes movimentos. Mas o partido apela para a organização das forças anti-fascistas no movimento legal do MND, para as forças democráticas no movimento em defesa da paz. Reunir, aglutinar, organizar, canalizar a luta nos sentidos fundamentais, para em conjunto poder vibrar os golpes mais decisivos que levem à vitória da democracia e a tornar impossível a guerra, eis a orientação do partido. Esta está bem distante da posição do intelectual que se pretende tornar quase independente de moldes orgânicos para a sua acção ser mais productiva. Esta posição em prol da cultura, ainda quando sinceramente assim pensada, esta posição em prol da acção intelectual individual a substituir na luta pela paz, na luta pela democracia a acção colectiva concertada segundo um plano superior, este passo para fora do partido para uma suposta melhor actualização pessoal, não batem em unísono com o coração do nosso partido, na teoria e na prática do nosso partido, não se inspiram nos ensinamentos do partido, na teoria e na prática do marxismo-leninismo, nas condições reais da vida do nosso povo, nas dificuldades presentes e nas grandes perspectivas da sua luta, no que sentem e exigem as grandes massas do nosso país. É a gerência do individualismo intelectual que canta aos teus ouvidos a ária já estafada em outros países e noutros partidos da necessidade dos intelectuais não serem mais do que compagnons de route, para poderem guardar a sua inteira independência de juízo, para poderem realizar inteiramente a sua obra cultural que o partido impossibilita. Parece-te ardente e natural o canto e imbebedo de sinceridade e no entanto há nele todo o perigo de um divórcio mais profundo entre o que cada vez está mais decidido a pensar sozinho e o partido que pensa por milhões de cérebros, com toda a experiencia acumulada das suas lutas e da sua história, das lutas e da história dos outros partidos ~~marxistas~~ operários, há o perigo daquele vácuo intelectual e ideológico que chega a levar o independente escritor Jean Cassou ao elogio do bando facínora de Tito. É preciso que de ouvido apurado escutes esse canto; sob a aparência de te conduzir a cultura, ele afasta-te da própria cultura. Faz um esforço sério de auto crítica. Analisa as condições gerais que te levaram a essa atitude, analisa as tuas condições particulares com espírito isento, e se vires, como deves ver, que laboras em erro, procura retroceder. O partido é e será sempre o melhor guia da tua intelligencia e da cultura que queres construir; é no partido que poderás aprender o que é na prática o método dialético e como se desenvolve a história dos homens; é o partido que te poderá inspirar a melhor conduta. Na condição de simpatizante, o partido não te faltará com a sua ajuda; o nosso partido apoiar-te-á enquanto tomares posições justas, enquanto fores um democrata sério, enquanto trabalhares por uma cultura progressista. Mas não deixarás de ter dado um grande passo atrás ao passar a essa posição, pois se a tomares é porque não estiveste em condições de apreciar a situação como um militante comunista misturado à prática da acção política,

pensando com a experiencia do seu partido.

Penso neste momento em Soeiro Ferreira Gomes, em Álvaro Cunhal e noutros intelectuais de que o partido tão justamente se orgulha e chamo a tua atenção para a sua vida vida. Tu deves saber, camarada, do alto nivel intelectual destes camaradas, das grandes possibilidades que cada um deles tinha de se dedicar com grande êxito a um ramo da cultura especializado. Pois Pereira Gomes a isso preferiu a morte, como resultado das difíceis condições da luta ilegal e assim lutou pela cultura. A isso Álvaro Cunhal prefere a vida a que se devotou, a clausura férrea que o cerca, e assim combateu e combate pela cultura.

Estes são intelectuais bolcheviques que se deram todos à luta do seu partido, que deixaram tudo e foram para o partido e ao partido se deram.

Mas não é necessário irmos a extremos. O partido não pede a todos os camaradas uma entrega tão total. Que sejam porém eles os instigadores, os inspiradores, os guias, o mais nobre exemplo dos intelectuais dentro do partido; que a eles vão buscar os intelectuais do partido os ensinamentos de como um intelectual se faz um militante comunista, de como um intelectual com os orgulhos e os vícios da formação individualista pequeno-burguesa se faz um verdadeiro pensador marxista, um verdadeiro expoente da cultura nacional. Porque quem neles se inspire e saiba aprender à luz do seu exemplo caminhará para apagar toda a diferença entre um militante operário e um militante intelectual do nosso partido, no partidário que é de Bento Gonçalves e de Álvaro Cunhal.

A tudo quanto aceites ou com que estejas em desacordo nesta carta desejaria uma resposta por escrito esclarecedora da tua posição. Os meus votos como camarada e como amigo são de que sabendo corrigir as deficiências, te empenhes em manter no partido e em trabalhar com todas as tuas forças para o partido.

Maio 1952